

**UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA REGIONAL DE CHAPECÓ-UNOCHAPECÓ  
VICE REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS GRADUAÇÃO  
CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA-CEOM.  
PROJETO PATRIMÔNIO ESCOLA COMUNIDADE – CAXAMBU DO SUL**

ENTREVISTA N°      PASTA:

ENTREVISTADOS: RENATO DE OLIVEIRA RAMOS (RR)  
JUREMA DE OLIVEIRA RAMOS (JR)

ENTREVISTADORAS: MIRIAN CARBONERA (MC)  
PATRICIA HEFFEL (PH)  
FABIANE AGOSTINI (FA)

Transcrição: Patrícia Heffel  
Revisão: André Luiz Onghero

**MC: Então, entrevista a ser realizada com o senhor Renato e a Dona Jurema né?! Ahn, por Mirian e Patricia no dia 25 do 10 de 2007 na Linha Volta Grande às, oito e vinte. Então qual que é o seu nome, completo.**

RR: Renato de Oliveira Ramos.

**MC: E o da senhora?**

JR: O meu nome é, Jurema de Oliveira Ramos, é no, a parte dele né, porque o nome do, da minha gente é Cor, é Jurema Correia de Oliveira Ramos, e só que, por sobrenome dele é Jurema de Oliveira Ramos.

**MC: Ramos.**

JR: Isso.

**MC: E e e, aonde o senhor nasceu?**

RR: No Rio Grande do Sul.

**MC: Qual cidade?**

RR: Carazinho Rio Grande do Sul.

**MC: Huhum. E que ano que? O senhor lembra do dia e do ano?**

RR: Não. Isso aí é só de, do passado né. (Risos)

JR: A data do, (risos) vinte e sete de de, novembro, agora né.

RR: Eu sou de quarenta e dois né.

**MC: É?! Quarenta e dois. E a senhora?**

JR: Vinte e quatro de, eu nasci no município de Alpestre, município de Iraí. Rio-grandense também.

**MC: Ahan. E que data que foi?**

JR: Vinte e quatro de julho. Eu tou com, sessenta e, sete ano, de idade.

**MC: Huhun.**

JR: Fiz sessenta e seis em dois mil e sete.

**MC: E vocês,**

**PH: Então que ano que seria? Que a senhora nasceu?**

JR: Eu sou de quarenta e dois eu acho.

**PH: Quarenta e dois.**

JR: Né?!

**PH: Huhum.**

**MC: E, e, assim, o senhor veio pra cá com que idade? Pra Santa Catarina?**

RR: Eu tava, com quatorze anos. Com treze anos. Faltava, um mês pra quatorze.

**MC: E o senhor lembra por, o senhor veio sozinho ou veio com os pais?**

RR: Não eu vim com os, com a família né?

**MC: E vieram, se esta..**

RR: E eles, fica, ficaram uns ano aí, acho que, uns doze anos, daí eles foram embora pro, pro Rio Grande, e eu, continuei ficando aí, fui ficando, ficando e tô até hoje. (Risos).

**MC: E logo que vieram pra cá, vieram morá aqui?**

RR: Aqui mesmo. Só...

JR: Foi trocado. (Risos).

RR: Mudei de lugar umas duas veiz. Uma veiz quando casei né? E... e outra veiz em sessenta e cinco que o dilúvio tirô nós do lugar. Que a gente mudou, pro lugar mais em cima na mesma terra.

**MC: Huhun.**

RR: Porque nós tem uma hitó...

**MC: Tão grande assim?**

JR: O dilúvio, de sessenta e cinco, não sei se vocês ouviu falá?

**FA: Não.**

**PH e FA: Uma enchente?**

**MC: Isso uma enchente.**

JR: Uma enchente muito grande ele, (...) barragem em Marcelino Ramos, e daí nós, nós dissemos, no escuro parecia que tava dentro da água, a água por tudo (...) um monte de casarada (...). E daí nós morava alí em baixo, lá na, nessa roça.

**MC: (inaudível)**

RR: E foi uma história, a gente não acreditava nisso aí, porque já fazia um tanto que a gente tava aí né, e dava enchente mas assim, enchente que, ahn, cobria algum barranco, chegava na berada, ma nunca despejo nas várgea. E daí começô a chovê chovê chovê. E tava bastante frio, caiu neve. E, e... numa daquelas, um dia de tarde, nós fomo oiá uns, uns caíco que nós tinha, tinha três caíco, grande. A gente nunca foi pescador, mas tinha aqueles caíco sei lá porque!

**MC: Uhun.**

RR: Barbaridade aquela água parece que vinha rolando a terra. Ma nunca veio no sentido de que podia corrê perigo. E nós morava bem aqui no chato em baixo, na várgea. Barbaridade, foi enchendo o rio, ficou por aqui. E de noite aquela chuvinha continuada lá. Nós tava, de, na na naquela época nós tinha, vocês não sei se conheceram, ou ouviram alguém falá, no tal de lavadô, que as muié eles faziam pras muié lavá loça...

**MC: Sim.**

RR: ...na janela.

JR: Isso era a pia (...)

RR: Nós era assim, bem, bem de vida né?!

**MC: Bem de vida.**

RR: Tinha duas táboa pregada e tá tá era o lava louça. (Risos).

**MC: Todo mundo antigamente tinha assim.**

RR: Viu como nós era, não tinha nada mesmo aquela época né.

JR: Tanto que o, daí o, daí ahn,

RR: Tinha um vizinho pra baixo, foi a história foi assim. Daí, de madrugada, seja, meia noite, madrugada, nós ouvimos uma pancada, parecia (Renato bate três vezes na parede), e eu pra mim era, ela disse assim, parece que tem um batendo com o martelo, daí eu disse pra ela, digo não é nada é a goteira em cima de uma tampa da panela que você deixou lá no,

**MC: Ahan.**

JR: Era no lavador.

RR: Mas não era, mas parecia. Tá mas disse que era e ficou por aquilo. E era ele mesmo batendo, despregando uma parte.

JR: O nosso vizinho.

RR: E a gente, de certo frio né.

JR: (...) mas a água

RR: E dormimos igual, ninguém pensou em nada, era aquela, aquela, você tá pensando em nada você deita e dorme né.

**MC: Sim. Nunca que pensou.**

RR: É. E, e dizê que meu vizinho, bem dizê ele era ainda nosso cumpadre ainda, que nem a, a vênha, diz a véia né?! É não, até era considerada como mãe do do, do primeiro filho nosso.

JR: Os primeiro fio nosso foi ela quem me ajudou a me cuidar.

RR: Nós se dava, nós queria bem eles que tá loco e dizê não chamaram nós. Não perceberam que nós não vimos. A água tava no porão da casa, tinha os porquinhos tava nadando, tinha levado as tabuinhas que nós tinha pra fazer outra casa.

JR: O galinheiro cheio de galinha no porão...

RR: Levou as roupas, que nós tinha...

JR: ...acho que umas cento e vinte galinhas, baixô tudo.

RR: ...assim fora que a chuva muito continuada, ela tirô pra fora tudo assim (inaudível)

JR: Nós era, levou tudo sabe, nós era assim, não tinha quase nada das coisas, daí eu tinha lavado roupa, do dos piás que era mais, mais véio e o menino, do do Virso e o Toninho, nós era, e daí o, nem arame de estender roupa nós não tinha, estendi nos ramos de abacaxi na frente assim, ah mas amanheceu sem, sem, sem roupa, sem abacaxi, sem nada. (Risos).

**FA: Meu Deus!**

**MC: Gente!**

JR: Pra contá as dificuldade desse lugar aí, gente óia.

RR: Daí, vou contá pra vocês, deu uma dor de barriga num cunhado meu, que nós criemo dois, cunhado. Um piação né, daí ficou, sozinho, e não se acertavam com ele, daí vieram pra casa, daí um deu uma dor de barriga eu acho que foi a dor de barriga de certo pra nós í junto co'a água.

JR: Pra avisá nós pra, pra água nós, não levá nós.

RR: E ele chamou, me chamou, daí eu, disse, “ô injoado também que eu, que cêis qué?”

**MC: Ahan.**

RR: de madrugada né?! Mais hãn, acendi o lampião e ele, e... era lampião naquela época não tinha luz. Acendi o lampiãozinho daí ele disse, aí saiu, saiu correndo do do quarto e, quando abriu a porta pra saí a água tava na porta, quaje que ele caí dentro d'água.

JR: É.

RR: E fez um gritado, fez um gritado, carcule aquela dor de barriga sarô de vereda acho que de tanto susto. (Risos).

**MC: Nem lembrou mais porque ele tinha levantado. (risos) (...)**

JR: Foi pra avisá nós pra nós levantá pra vê que a água veio. Então deu tempo pra nós conseguimos tirá só uma cama de dentro d'água e o fogão à lenha.

**PH: Só?**

**FA: Meu Deus do céu!**

RR: Então foi uma aqui foi muito sofrido uns ano pra nós. Antes de sessenta e cinco...

**FA: E como é que vocês saíram de dentro da casa?**

JR: Ma daí porque tinha a porta da frente, e da a, que a água tava nas escada assim já...

**FA: Não era tão alto então?**

JR: Não era alto...

RR: Não, a casa...

JR: Era baixinho...

RR: Ah, numa porta cerrava na cintura e na outra assim um pouquinho mais baixa que a água, ficava pra nós, né.

JR: E o meu cunhado tava na ilha, morando lá com sete, sete fio, e lá, também, a água despejou eles em cheio lá, mas só que, ele, tinha o caíco junto né, quando a água tava subindo eles foram juntando

as coisa, até que quando a água que não venceu mais daí, colocaram assim colocaro tudo dentro do caíco e se mandaram água abaixo. De lá de cima viero saí aqui em baixo, aqui, na várzea aqui embaixo (...).

**Tito: Bom dia.**

JR: Bom dia.

**MC: E..., que que eu ía dizê mas, i, da a a, aí perderam tudo? A casa? E foram se abrigá aonde?**

RR: Nós tinha um garpão assim, mais pra cima, pro lado, daí se abriguemo naquele garpão. Té que, daí veio umas madeira, que o governo mando, do estado, e deu uma briga, uma briga, robaro bastante a madeira (inaudível, dona Jurema fala junto com seu Renato).

JR: Ficamo sem comida, sem comida. Daí o governo fez uma arrecadação.

**FA: De roupa?**

JR: De roupa e sem comida, (...) daí o governo fez uma arrecadação, deu uma muda de roupa cada um e, um pacote de arroz, farinha essas coisa assim. Deu pra ajudá né.

**FA: Começá do nada denovo.**

JR: Comecemo do nada denovo, é. Meu Deus do céu, óia que não é fácil gente né?

RR: É foi é que esse ano foi, foi muito sofrido por causa da enchente né, bah. Muito sofrido. Hoje não, hoje já tá bem melhor, já parô aquelas enchente, não veio mais né? Não sei se por causa das barragem ou, ou o tempo também de certo né?

JR: É, mudou muito esse tempo, de uns anos pra cá foi mudando, cada vez melhorando mais né? Depois a gente, infrentô igual criá a piizada aqui mesmo (risos).

**MC: E... e a senhora, a senhora lembra por que que saíu lá do Rio Grande do Sul pra vim morá pra cá?**

JR: Mas eu saí dali de onde o, meu pai era muito briquero ele não parava ele morava, ele parava meio ano num lugar, um ano no outro, um ano no outro lugar, e daí dali do, do de de Alpestre, nós fumo pra, pra Florianópolis morá em Florianópolis. Eu vim de lá com deiz ano, de Florianópolis morá aqui. E daí daqui, moremo aqui eu acho que uns cinco ano e fumo pro lado do Abelardo Luz, Chapecózinho, fica lá?

**MC: Sim.**

JR: Fiquemo lá, e, eu vim de lá com, dezessete ano, de lá do Abealrdo Luz vim morá aqui denovo, e daí, daí fiquei morando aqui, até nós se se conhecemo, casemo, fiquei morando aqui e não não saí mais.

**PH: E com que idade vocês casaram?**

JR: Vinte e um anos.

**PH: Vinte e um, e o senhor?**

RR: Vinte e um, vinte dois ano.

**PH: É?**

JR: Ahan.

**MC: E, e o que que eu ia dizer, e como é que era esse lugar quando vocês vieram morá aqui? Vocês lembram assim?**

JR: Me alembro, mal e mal a gente se lembra. Apesar que não tinha quase morador, os antigo morador que moravam aí eles, os coitado, andavam, eles não tinham casa boa eles até tinha uma, uma, a dona desse lugar aqui e o irmão dela, eram dono de quase tudo isso diz que daí eles foram em, ela morava num num lugar bem em cima no, no, perto do (...) no meio do mato lá, tinha o acampamento dela assim, que num que não tinha chaleira, ela esquentava a água pra fazê um chimarrãozinho numa lata de azeite. Eu, eu me lembro disso aí desde quando eu era criança mas me lembro disso aí...

**MC: Ahan.**

JR: ...eu ía lá, ía lá eu gostava de proziá com ela...

**PH: É?**

JR: ... era uma veínha com, cinqüenta ano de idade, ela contava pra mim que tinha tudo esse lugar que era deles, era do, do finado Fortes se lembra? Era dele de diz que eles eram irmão, e daí fui, ela morreu, daí uns tempo ela morreu, ele também morreu e o pessoal, né.

**FA: Tomando conta?**

RR: Eles morava aqui pertinho, nuns capão.

JR: É.

**MC: E essa mulher ela era uma cabocla ou ela era índia?**

JR: Ela era...

RR: Não era índia...

JR: Não era, não era índia não, era do jeito em que (...) até era uma, ela tinha era de raça era italiana, quando eu vi ela era bem branca, cabelo meio loiro escuro. Não era, era italiana. É.

**MC: E e, e daí as pessoas, foram comprando a terra deles ou foram morando assim sem?**

RR: Não eles, ela era meia caduca.

JR: Ela era meia caduca.

RR: Pessoa caduca né, e o tinha os filho também eram caduco, até na, na época foi baleado dois deles, brigado, não sei se era época de guerra ou o quê (tosse) e foi embora pro mundo. E tinha, otros foram entrando tem, uns comprava, otros não comprava, vendia a troco de cachorro pra caçá. Na época era assim...

JR: Troco de cavalo encilhado (risos). (inaudível)

RR: Isso aí era coisa que acontecia.

**MC: Ahan.**

JR: (...)

**PH: E vocês, vocês compraram a terra de quem daí?**

RR: Ah aqui era... era do finado pai tudo...

**PH: Huhum.**

RR: ...daí ele me vendeu um pedaço, ele não me deu ele vendeu...

**PH: Huhun.**

RR: ...daí, a gente, sofreu bastante pra pagá esse pedacinho, barbaridade! Daí a gente pagô e foi comprando mais né? Não pode comprá muito porque a gente era muito, vai até um ponto e daí troca de idéia né. Acho melhor comprá, primero compremo a caminhonete, depois compremo um caminhão, e fomo se dando mal né. Na verdade os fio, tinham vontade de tê as coisa né, ma num, não sei não quisero trabaiá não gostaro, e as coisa vai indo assim né. Comprei um trator também. Já usado já mais de podre. Foi até um ponto, deu muito prejuízo, tinha muita dívida, tive que fazê o motor né. Até que troquei comprei um novo, e esse assim imo tocando a vida até agora né, eu se tivesse comprado terra acho que tinha ganhado mais.

**MC: E, e, e o senhor lembra de quem que o seu pai comprou essas terras ou?**

RR: Me lembro, foi do Antonio Morcilha, do quê eu não sei, agora mas foi do Antônio Morcilha, era um homem muito antigo né, daqui da região?

**MC: E, e, e logo que vocês vieram morá pra cá, que que vocês, como é que era assim, tinha muito mato? Muito...**

RR: Tudo mato, tudo mato, mato mesmo, até na costa do rio era mato que, dava pra derrubá canela, anjico, e trazê pra serraria, era coisa mais linda do mundo. Tatu nóis pegava de dia. De dia, de dia mesmo, quarqué hora do dia saía na costa do rio pegava tatu. Paca tinha muito lá. Só não tinha a capivara, veja bem a capivara veio de poucos ano pra cá.

**MC: Huhum.**

RR: Que apareceu. Antes não tinha. Interessante né?

**MC: Huhum.**

**PH: E tatu o senhor não vê mais?**

RR: Não, agora já tem bastante de novo quase ninguém caça, faz muitos anos que ninguém, eu até, ma Deus o livre se eu, mais não não gosto de vê falá de matá um bichinho.

**PH: Tão voltando?**

RR: Ma eu quero que veja quanto, quanto bichinho que tem agora, meu Deus do céu, ma não se vê ninguém, com uma espingarda. Não se vê ninguém.

**PH: E cobra?**

RR: Cobra... tu sabe que cobra até é, difícil a gente quase não vê! Tem, é claro que tem né, ma a gente, não vê, quase tudo as terra é cultivada a gente num né, porque é um animal que tá mais, retirado nesses capão né?

**MC: Ahan.**

RR: Cobra nesses perau.

**MC: E e, antigamente assim tinha algum animal que vocês tinham mais medo, que era mais perigoso ou?**

RR: Não, até que não. Não, bicho assim brabo mesmo assim não. Quase os mesmo de hoje né. Nem tigre essas coisa assim não existia né, leão essas coisa não tinha né.

**PH: E não acontecia assim acidente de alguém ser picado por cobra? Como é que faziam?**

RR: Ah isso aí era, aconteceu até na, nossa família né, com um irmão, ele tava roçando e, a cobra deve sê uma urutu, picô ele, ma, Deus o livre. Até essa história foi o seguinte, eu tava trabaiando pra cá, e ele prá lá, lá na outra pro lado de cima, e a cobra picô e ele veio, atô um cipó, na perna dele aqui embaixo, quando ele chegô em casa aquela sogá já tava, escondendo aquele cipó, ma recurso ninguém tinha condução, má nem sonha em condução, nós tinha um cavalo, era a condução que tinha, e um dos otro irmão pegô o cavalo e foi em Dom José, não sei se vocês se lembram os Jacomel que tinha, era o única casa de negócio que ainda a, a Tatiane existe ainda né eu acho?

**FA: Sim.**

RR: Você conhece né?

**FA: Uhum.**

RR: E ela era muito atenciosa eu acho que ela até, na medicina ela é bem entendida, e é até hoje né. Daí esse irmão foi lá, mas sabe o que que é correndo. Chego lá e ela tinha o contra-veneno. Mas a cama, que chegô aquela cama tremia tudo assim, com ele em cima, mas han nós achava que ele ía morrer porque né? Daí demo aquele remédio pra ele e, ele vomitô barbaridade sabê o cheiro que deu tipo, né, e, graças a Deus melhorô, sarô. Escapô de morrer. Ma foi, e assim vários também né,

aconteceu de de cobra picá né.

**MC: E nesses, nesses primeiros tempos que vocês vieram morá aqui que produtos que vocês cultivavam?**

RR: Ah, isso aqui era milho e feijão principalmente, depois com o tempo veio o soja né? Mas era milho e feijão. E era o que se fazia dinheiro porque valia dinheiro na época né? Hoje que nada, quase nada vale nada mais.

**MC: E vendiam pra quem esses produtos?**

RR: Era vendido no, na época pro, pro Jacomel pro, Brustolin.

**PH: Esse Jacomel era uma casa de comércio?**

RR: Era um comércio muito jóia. Comércio mais forte que tinha. Já era, já ia pra São Paulo o produto lá.

**MC: E era, aqui no aqui onde é o município hoje de Caxambú?**

RR: Não, era em Dom José, Caxambú. Dom José.

**MC: O Dom José é aonde?**

**FA: O Dom José é aonde nós passamos que a gente dobrô as esquerda.**

**MC: Ahhh.**

**FA: Alí logo pra frente tem a comunidade de Dom José que, antes, era pra tê sido alí o município né, mas por, desavenças não aconteceu isso aí mas era comércio maior que acontecia era alí. Mercado de, acho que a senhora pode me ajudá né? Tinha casa de, eles vendiam uma troca e venda né? Tinham o comércio.**

JR: Os Jacomel.

**FA: Os Jacomeli eram...**

JR: Lá do Guerino Jacomel, que morava ali,

**FA: É era das pessoas mais, mais, bem de vida que tinha alí.**

JR: Comerciante, mas ele tinha ali e o Nísio Brustolin, também, eles era comerciante ali também, e que comprava os produto e trazia as coisa pra vendê, por troca.

**FA: O Nísio Brustolin e os filhos deles ainda exi, eles moram alí né?**

JR: Eles moram alí o Beto mora ali.

**FA: É é.**

JR: Ahan, e o, o irmão do Beto até acho que é médico em São Carlos né?

**FA: É, ahan. O Beto tin, ele ainda tem um comércio ali...**

JR: É, o.

**FA: ... ele ainda cultivava o barracão que era antigamente.**

JR: E era, e o vô, o finado vô era velho ele morreu eu acho que em Maravilha assim de desastre né, o finado, que morava ali em Dom José. E a Tatiana mora em Chapecó, tem uma loja né, muito grande.

**FA: Ela é bem.**

JR: Antigamente ela morava ali.

**FA: Uma que com, essa Tatiana que o, seu Renato falou que tinha os remédios.**

JR: É.

**MC: Ahhh.**

JR: Ela, ela era enfermeira e tinha loja.

RR: Até conto, conto uma pequena história pra vocês que aconteceu. Então eu, a gente, não tinha nada bem dizê na vida né? Só vontade. E, logo que começemo, a vida, daí ela, nós criava bastante galinha, eu já tinha de capital já tinha um cavalo. (Risos).

**MC: Já tinha um carro.**

RR: Dei o jeito, dei o jeito que pude comprá esse cavalo porque o comércio era muito longe né. Comprei o cavalo. (dona Jurema fala) Um peleguinho e só acho que não tinha mais né? (Risos).

JR: Daí ela pa, nós pegava, e até arrumava trinta, trinta e cinco galinha, té quarenta galinha, nós ponhava uma sogá, atava bem os pésinho delas, sabe como é que é os , não sabe disso aí né?

**PH: Sim.**

RR: Daí passava a sogá uma na outra né, ponhava vinte dum lado e vinte do outro e ela ia pro comércio vendê pra comprá as coisa. E eu ficava, daí e, até isso fica gravado, lá em cima da serra eu tinha aqui era, dois alqueires de terra, acho que era dois na época, e aquele tempo não tinha veneno não tinha nada, sabe que naquela peste da terra eu tive que quebrá uma maderá, e passá assim pra nós (...) mas hã, veja, veja como é que é, e eu pra não pagá um peão pra, tá a gente não tinha mesmo como pagá né, quando vendia galinha já (...) passa a conta né.

JR: Galinha, pecinha de queijo de um quilo, (...) pra vendê (..)

RR: Não sei se era mês de janeiro, pra prantá o feijão do tarde, e fui carpindo, carpindo, aquele sol, queimando, ui que doía, e eu fumava naquela época, de repente, já era meio dia, e eu oiava assim tinha um pedacinho e eu pensava vô terminá de carpi, de tarde eu vô vim pra prantá né, não venho

pra carpi. De repente parei um poquinho, tomá um gole de água, tomei um gole de água, sentei, olhava e pensava pra descê. Tinha que fazê comida ela não tava né? Sabia que hora vortava, mas oiava, ma eu não vô pra casa sem terminá. (Risos).

JR: Deus o livre.

RR: Enquanto isso, o sol era demais de quente, um sol que tremia! E deu uma uma dor na na, na cinta, assim que eu engoli aquela água né?

**PH: Na barriga.**

RR: Na barriga e deu aquela cólica, parece que torceu os figado bem e puchou, me arquei, e já comecei a suá. Suá, suá, suá, e eu sei que deu duas puchada muito forte, e cheguei, encherga os corvo na minha frente, é eu enchergava bicho avoando na minha frente, de tanta dor. Fiquei quieto, parô, parece que aquilo aliviô e ficô assim, fiquei, tremendo né. Aí peguei a enxada voltei a carpi, dei três taio de enxada, já larguei e caí, de tanta dor denovo. Me perdi, daí vi que não tinha mais solução e descí. Meio, rolando. Cheguei, daí cheguei e deitei, tinha uma área aqui assim, uma áreazinha de madeira, deitei daí logo ela chegô, eu já tava rolando, tava desesperado de, de tanta dor né. E o que vamo fazê, que vamo fazê, que vamo fazê e veio chá e fez otro mais nada adiantô. Daí arrumaro uma condução fui, em São Carlos, saí cozido do sol, e um bom eito de tempo. O trajeto era bem, bem difícil.

JR: Ah infrentô arg, infrentô alguma dificuldade nesse lugá aí que a gente não deseja nem prum cachorro passá o que tava, o que a gente passô, antigamente, ma da daí duns tempo em diante foi melhorando depois graças a Deus, porque de primero, gente do céu óia.

RR: Foi uma vida sofrida, sofrida que Deus o livre, por a gente até pretendia, ou se não saí daqui,

JR: Mas não tinha uma dificuldade que a gente não passô.

RR: A gente, pra gente que, que bem dizê se criô, feiz a vida aqui, aqui é muito bão aqui, pra vocês verem, pra vocês que trabalham na cidade, vocês sabem o que que é cidade. Não sei se vocês gostam de vivê aqui que nem nós temo, de vê os passarinho cantá.

JR: É.

RR: É o que vocês tão vendo aqui né?

JR: É, qué uma mandioca vai alí na roça buscá. Qué uma galinha vai no terrero pegá, qué um galeto vai alí no galinheiro pegá o galeto. E qué qué fazê uma carne de de porco, pega no chiqueiro pega um porco gordo e carneia e faz, banha e sabão tudo de casa, né? Será que vamo achá um otro lugar assim ingual esse?

RR: Não.

JR: Não é fácil né?

RR: Eu tenho certeza que não.

JR: É.

RR: Posso subi esse morro aquí sabe, nem sei aonde que a gente vai ficá. Porque você sabe a gente não sai nunca por aí, como a gente não qué sai longe, é proibido até criá galinha fora aviário Onde é que nós vamo tê a mordomia que nós temo aqui. Eu crio porco sorto...

JR: Porco sorto nós criemo.

RR: ... alí vocês viram agora passa aí ó, castrei onte, oito deiz, e fica sorto. Eu fecho pra (...) entra nesses, eucaliptal aí pra baixo vão, vão pra costa do rio nem vão na roça, eu trato com mandioca, amontôo no terrero, ponho quirela alí eles comem também, eles comem mandioca, sabê quantos eu engordei. Eu não vô tê otro lugar igual a esse aqui é o único, o único o único que eu vô tê, na vida, com certeza.

**PH: E os filhos, quantos filhos vocês tiveram?**

JR: Óia, entre tudo eles, dois que eu tive aborto, é deiz. Mas daí tem, que se criô oito, graças a Deus tudo com, saúde, tudo trabaiando, a mais, a minha nenê mais nova, tá com vinte e dois anos vai fazê vinte e dois agora.

**PH: Uhum.**

JR: Tá e da e que fica, das fia mulher tem só uma aqui perto de mim, as otras tudo tão em Florianópolis.

**PH: Quantos homens e quantas mulheres?**

JR: Tem quatro filho homem e quatro filha mulher.

**PH: É? Então como é que foi, tinha hospital, a senhora teve eles no hospital?**

JR: Óia pra não dizê que, só a nenê que eu que eu ganhei lá já tava, tava com quarenta e seis ano quando ganhei a a a nenê, ma os otro tudo em casa. Tudo com partera aqui sabe? (Risos).

**PH: É? E essa parteira morava muito longe?**

JR: Hãn?

**PH: Essa parteira? Quem que era?**

JR: Ah essa partera aqui que eu tive primeiros fio mais véio ela morava aqui pra cá. E as otra mora, moravam mais pra frente pra lá, ma tudo não era muito longe, tudo perto.

**PH: Sabe o nome delas?**

JR: Uma era Hortência, a primera, a otra Julia.

**MC: Alguma delas ainda tá viva ou não?**

JR: Não. Acho que não tem nenhuma delas viva mais. Que aquele tempo elas já era veínha saíram daqui e foram morá em Marau, lá em Passo Fundo.

**MC: E como é, e aí como é que eram os cuidados assim, como é que...**

JR: Pra...

**MC: Pro parto assim por exemplo?**

JR: Ah tá, ma óia, era muito bem, muito bem cuidado, e tudós remédio casero, não tinha nada de remédio comprado, ela fazia aquele remédio que ela sabia remédio casero e fazia bem daí dava pra gente, cuidava pra não recaí pra não dá recaída na gente né, que, que Deus o livre se chegá recaí isso enloca né?

**PH: Então elas ficavam na casa?**

JR: Ficavam em casa cuidando. A minha sogra, ela criô os mais novo tive com a finada minha sogra né? Ela ficava quinze dia morando, parando com nós pra cuidá as criança pra mim, e dava cumida, me cuidando pra não não não pegá rigor, nem frio nem nada né? Então nós tinha tudo, cuidado casero?

**PH: E como é que foi assim, a senhora sentiu as dor, mandou chamar?**

JR: Não, quando a gente tá sentindo as as primeiras dor já tem que sabê porque é pra é pra isso aí né, e daí tem que chamá elas. Até, essa que eu perdi essa do do tempo faltava três pro parto. É, eu aquela ganhei sozinha porque não deu nem tempo de vim a partera. Solita e Deus e Nossa Senhora que me ajudô, quando eu vi, nasceu a menina, uma menina coisa mais linda gente, era pra tá com quarenta e poucos ano agora, mas, não sei o que lá que me deu que a menina per, per, saiu tudo a pele dos osso, das perna e dos braço da menina, eu tive lidá com dificuldade sabe e daí

**PH: E ela nasceu já então morta ou ela mor?**

JR: Nasceu morta, nasceu mortinha.

**PH: Ah, meu Deus.**

RR: Esses tempo que o médico aqui não tinha,

JR: É não tinha médico, não era não, não era fácil de em médico também né? Daí dali, depois da, dali dois mês, daí fiquei grávida denovo perdi mais um de de, de aborto de de do dois mês. Ele era pequenininho.

**PH: Huhun.**

JR: Também depois daqueles daí comecei criá os otro graças a Deus tudo com com saúde, daí criô tudo longe, tudo facero trabaiando agora.

**MC: E tinha, assim é, elas recomendavam cuidados com a comida?**

JR: Sim a a prin, o principal cuidado era co a, co a comida.

RR: Tinha a finada mãe que sempre tava por perto né, daí ela fazia...

JR: Era brodo de galinha caipira não era comida que nem agora, agora no primeiro dia eles tacam comida, naquela época recém o parto era o brodo de galinha caipira, só um pratinho né, pra depois uma sopa daí. É assim que nós era. Muito bão né? E remédio também, pra pra não, pra não recaí tudo, e o umbiguinho do nenê também...

RR: Naquele tempo era bem diferente de hoje, hoje é tudo complicado, naquele tempo as comadre chegavam, as vizinha quando vinha, ma não fartava tanto, todo dia tava junto (risos), uma fazia uma coisa outra fazia outra, fazia uma comidinha a outra fazia um chá assim, né... e é.

**PH: E essas parteira, elas também, benziam ou?**

JR: Benziam, benziam. É, pro imbigio sabe esses, antigamente a a a criança pe, pe, a criança pegava uma arage, de de de friu, uma arage no imbigio tudo, elas cuidavam, elas benziam tudo que era tipo de benzimento elas, elas sabiam e benzia, fazia, fazia bem e sarava as criança melhorava né.

**PH: E depois pra batizá, como é que, como é que era?**

JR: O nosso costume era batizá primeiro batizado em casa, escoiê a pessoa mais religiosa que tenha perto, sabe né? E daí pra batizá em casa, em, duas pessoas, um casal. Batizava e botava, a madrinha acendia a vela e segurava na mão da criança e daí rezava as oração né? E daí o perguntava uma pergunta pros pais, pros padrinho também assim. Né?

RR: De repente elas também sabem como é que é?

JR: De repente elas sabe né?

**MC: Não.**

JR: Daí os pai fazia assim tudo que se cruzavam entre como se fosse como se tivesse o padre que tivesse batizando, daí depois mais tarde batizamo na igreja, e da daí iscoía, iscoía se qué escoía outra pessoa pra batizá na igreja ecoía outra, era assim. Eu os meu foi batizado tudo em casa e depois na igreja.

**MC: E o que que eu ia dizê, e e e como é que era a casa assim, logo que vocês viero morá aqui, como é que era a casa de vocês?**

RR: Ah a casa já era propriamente, uma casa normal né?

**JR: Era pequena de soaio memo, que...**

RR: De táboa né, boa, táboa boa, já táboa da primera casa que nós viemo com o pai, nessa casa eu me instalei, aqui, vocês não conhecem né só que,

JR: É mas as pessoas não tem, não conhecem né?

**FA: Só de história.**

RR: Era de costaneira, falquejava essa madeira um lado, os dois né, e daí erguia em cima дума, дума artura assim e daí tinha um que ficava lá e o outro aqui embaixo.

JR: É.

RR: E serrava e fazia casa, tudo, fazia tudo as táboa, ficava bem igualzinho.

**PH: Vocês mesmo que faziam a casa?**

RR: Não, eu não fiz, eu cheguei puchá nessa serra, tempo de de criança, cheguei pegá, nunca, esqueço, cumpadre do finado pai que eu acho que fez muita madera pra muita casa.

**PH: E como é que era o coberto?**

RR: O coberto também era tabuinha.

**PH: Tabuinha?**

RR: Tabuinha, lascava, tinha a prainadera né, dois cabo, deixava alumiando aquelas tabuinha era coisa mais linda o coberto.

**PH: Bem lisinha.**

RR: Bem lisinha. Dava uma casa coisa mais linda.

**FA: E a casa tinha divisórias dentro?**

RR: Tinha, tinha.

**FA: Era repartida tudo?**

RR: Igual tudo que nem hoje. Normal, né.

**FA: Mas...**

RR: Só que naquele tempo banhero essas coisa assim não existia né? Cada um, fazia uma picada prum lado otro pra otro no mato. (Risos).

**MC: Era livre. (Risos).**

RR: Era livre. (Risos)

**PH: E... e a cozinha, como é que era o fogão era, à lenha assim?**

RR: A fogão era também o fogão a lenha ma de chapa, vocês conhecem né?

**MC: Sim. E.**

RR: Fazia, um quadro de madera taboa arta né, chapa bem grande né?

**MC: O senhor nunca chegô morar em casa de chão batido?**

RR: Ah sempre nós tivemos, tinha casa normal que nem o tempo de vocês ma o finado pai, ele sempre tinha uma casa à parte, que era a casa pra fazê fogo no chão. Sempre! Assá batata e a piazada brigá.

JR: Qué? Qué um chimarrão?

RR: Então era é... aquele tempo era assim.

JR: (inaudível)

**MC: E as comidas que comidas que se, a sua mãe faziam ou, logo que casaram quais que eram as comidas que mais costumavam?**

JR: Ai, as comida eram as que mais sustentavam, eram o feijão e o arroiz, canjica, carne de porco e carne de gado era carne de galinha caipira.

RR: Carne de caça....

JR: Nem galeto não existia naquele tempo. Era tudo galinha criada no terrero.

RR: Peixe, aqui ultimamente né?

**PH: E a canjica costumavam comer ela doce ou a salgada?**

JR: Ah a canjica tanto fazia, temperá ela, botá doce com açúcar branco ou açúcar amarelo o que tivesse. E ou, ou com com o feijão ou com arroiz, com tudo, era feito socado, é era e é eu como até agora porque eu gosto (risos).

**MC: Ahan.**

**FA: E a carne vocês comiam todo dia?**

RR: Ah, é, é quase todo dia dá pra dizê. Só mesmo o... dizendo o seguinte pra vocês. Diz a mãe, eu não lembro, ela contava, o finado contava, que os dois são morto hoje, ma não era aqui era lá nas colônia véia, que eles moravam.

**MC: Huhum.**

RR: Então quando nós, viemo pra Carazinho, que eles viero, que eu lembro, que eu nasci lá que eles contam. Deu três ano de gafanhoto, já ouviro falá no gafanhoto?

**MC: Sim, já ouvi falar.**

RR: Três ano de gafanhoto, só dava abóbra, ainda quando não, não pestiava, de tanto gafanhoto. Não tinha um dinheiro pra buscá um quilo de feijão, pra comê, sabe, diz, diz ahn que os primeiros que choravam de fome, choravam de fome o dia intero porque não tinha dinheiro pra comprá uma comida, ninguém tinha não só eles, ninguém tinha, depois disso aí c'o tempo, né, [neste momento chega uma pessoa na casa e Sra Jurema conversa com ela ao mesmo tempo em que Sr Renato continuava com a entrevista] as coisa, foi melhorando, e daí quando o pai tinha a casa de negócio, quando eu já me conhecia por gente, daí tinha açougue, carneava dois boi num lugar que seje, todos

fim de semana, daí eu e otro irmão nós cuidava o charque, fazê fogo era, é assim, né? Fazia fogo, a nossa obrigação era ali e deixa na salmora, (...) né tudo no sol e tinha que cuidá com muito cuidado. E daí ía pra casa, coisa assim nunca mais fartô pra gente né?

**PH: O senhor falou antes que não tinha luz, que usavam o lampião...**

RR: É.

**PH: E daí pra conservar a carne? Provavelmente não tinha geladeira...**

JR: Pra conserva a carne sabe como é que nós ía fazê?

RR: Era o charque.

**PH: O charque?**

JR: O charque ou se não fritava a carne de porco e misturava guardava co'a banha, nós fazia assim.

**FA: Dentro dos tarro?**

JR: Dentro dos tarro. Era frita.

**PH: Como tarro? Que nem os de leite?**

**FA: É. Cheio de banha né?**

JR: Que nem os de leite. Banha e carne frita no mesmo e daí a hora que fazia a comida pegava aquela banha pra temperá o armoço e esquentava a carne pra comê. Diferente né?

RR: (...) grosso assim dessa artura e tinha a chave, ele tinha o tarro que chaviava o tarro, a boca dele né, podia rolá num perau, (...) era pura graxa de osso, então nós comia, ponhava um dedo daquela banha em cima do pão,

JR: Lá em Florianópolis as fia trabaiam lá no (...)

RR: muitas veiz eu vejo hoje falá, não sei porque que tem isso aí, se na época nós fazia, o porquê (...) óia gente eu como mais, toicinho até hoje, do que a própria carne de porco, pra você vê fui em (...) fiz, exame, fui em Florianópolis fiz exame de tudo e eu não tenho colesterol (...) óia gente, diz o médico dos exame que eu sou o mais são (...) não tenho hã, veneno no sangue, desde que começô aparece o veneno, té hoje, eu vivo co'a máquina nas costa, que era aquele tempo, mas sempre sobra aquela, aquela partezinha pra, passá num arvoredado, numa horta, as veiz nuns pedacinhos pequeno, ou depende da pranta que num dá, a gente não qué estragá a pranta, bota no meio, mas nunca, nunca, mas nunca me fez mal, gosto do cheiro do veneno.

**MC: Meu Deus!**

RR: Eu gosto do cheiro do veneno, até o médico deu risada. Disse, mas você se protege? Protejo. Com chinelo de dedo e muitas vezes de bermuda. Ele chacoaiô a cabeça e deu risada (...) claro eu tô cansado de trabaiaá, tô cansando, a gente tá cansando, veja bem, a vida intera.

**MC: Huhum. E o que que eu ia dizê e e daí a comida, que que fazia assim no café, no almoço e na janta? Quais que eram os tipos de?**

RR: Ah, aquilo lá era, ne ne nessa época era o mesmo, vamo dizê assim aquela famosa broa, que falavam a broa, aí do a farinha de milho e a farinha de trigo, ou o pão puro que nós plantava trigo de enxada desde a época que vivia co finado pai né. E... então a gente não daí a gente tinha, o pão, a batata doce né, mas acho que nunca farta.

JR: Polenta.

RR: Polenta, ou leite né.

JR: (...) salada de de, de tudo.

RR: Nem que fosse uma vaquinha nós dava um jeito de tê.

**PH: Vocês foram na escola?**

RR: Fui.

**PH: Até que série vocês estudaram?**

RR: Não cheguei a fazê a quarta série.

JR: Eu saí na quarta série.

**PH: Aqui na, a escola aqui?**

JR: Não. É aqui sim, aqui na comunidade.

RR: Mas era longe da escola, noossa senhora do céu era de cansá de caminhá. Daí a gente, os finado num, num, num exigiam assim de cê tem que í tem que istudá. Minha professora até era uma polaca, tal de Cenira, muito boa, era uma pessoa muito querida co'a gente, ma a gente não quis, não importô, os pai também num importavam, a gente aprendeu um poquinho mais assim por conta da gente esses anos, a cabeça da gente né. Porque a gente não teve tempo que nem hoje de estuda né, hoje até, eles buscaram até em casa pro estudo né. E a gente estudô muito poco, tá fazendo muita farta os estudo.

**MC: E depois quando vieram morá aqui?**

RR: Muita farta.

**MC: E daí pros filhos de vocês aonde que construíram uma escola, onde é que foi?**

JR: Aqui nos fundo tem uma escolinha e lá no pra cima no canto do otro, lá pra cima tem uma outra...

RR: (...) não era tão perto daqueles mato (...)

JR: (...) e daí o Paulo, um dos meu rapaiz ele estudô numa pensão, sempre e depois ele parô na casa

dum amigo nosso lá em Dom José, pra í istudá perto pra estudá de lá, foi uns quatro ano que eles ficaram lá, aonde ele se formô lá.

RR: É aquele estudo muito né, parô em Caxambu, e (...)

JR: E as menina foram aqui, na escola aqui, e foram lá em cima também, e daí, conseguiram mais, uma profissão que ganhasse mais maió né, e acharo mió de saí, saí, istudá e, e trabaia. Graças a Deus hoje tão, uma delas trabaia num shopping, a mais nova, conhece a Mari né?

**FA: Sim.**

JR: Ela tá trabaiaando num shopping. E a, essa que tá aqui (...)

RR: (...) porque as menina não qué. Uma tá trabaiaando (...) tá aqui, sei lá, ou (...) sei lá né, mas é porque elas tão muito bem saíram de casa, e tão estudando e vão estudá, essa que tá aqui com nós hoje, essa não, ela trabaia numa clínica, acho que ela ganha até, ganha mil e quatrocentos por mês né? E vai continuá istudando, então espero pagá o istudo pra ela, pode istudá, a vontade, o que ela quisé que eu vô pagá.

JR: Que ela ganha oportunidade, os patrão dela vão ajudá pagá.

RR: E o otro também tá trabaiaando e istudando.

JR: Fazê a faculdade, então porque tem que fazê isso daí né?

RR: E, assim mesmo tem um rapaiz que tá cum nós aqui, ma esse aí não. Gente, eu mesmo nós sendo pai num sabemo nem explicá pra vocês. Nós mandemo, ele í junto, pra Florianópolis aprendê, aprendê a sê um pedrero, um carpintero, porque isso é uma profissão boa.

**MC: Huhum.**

RR: Nós temo um subrinho. Que é, super rico. Que é aonde que ele parô que trabaio ele tinha, huhum, trabaiaava com ele tinha chance de pegá os carro dele, levá peão, trazê peão busca mercadoria pra, pra profissão né. E o home começô bebê, fumá e bebê, fumá e bebê e tá até hoje, se intregô (inaudível).

JR: (inaudível) ele era uma pessoa tão trabaiaadô, tão, foi casado

**MC: E ele mora com vocês ou não?**

JR: Sim. Pois (...) deixá da muié por causa da cachaça, então daí ele veio pra cá morá cum nós. A gente não tem intensão de vê o fio sofrê tanto né? (...) tinha que consegui fazê um remédio prele, pará de bebê, né?

RR: (inaudível)

JR: Domingo de tarde.

RR: Domingo de tarde.

JR: Conhece o (...) né?

**FA: Sim.**

JR: (...) tem uma Chapecó, outra em Caxambu, uma muié em Chapecó. Não sei se tá lá com ela ou...

RR: Mas tem uma, acho que se fosse contá não sei se não tinha mais de quinze.

**PH: Quinze mulheres? (Risos).**

RR: É, é incrível gente, se deixa, das veiz traz uma, deixa dormindo aqui e vai e posa co'a outra. Não tem quem possa, gente do céu e daí.

**MC: E ele puchou pra quem será? (Risos).**

RR: Acho que puchou pra ela aí. Puchou pra ela (risos).

**FA: Tem oito, só um né?**

JR: Pois é (...).

RR: E daí, misturando na brincadeira, eu sinceramente, dizê pra vocês, não tem quem cuide o meu capital gente, eu não tenho pra quem sortá na mão, como é que eu vô sortá na mão de um que bébe? Ou de um que tá envolvido com outras coisa que a gente... ele já podia tê a família dele, se é uma pessoa de cabeça boa ele ia cuidá da vida dele, e hoje, a gente de qualquer maneira nós podia ajudá, né? (inaudível)

JR: (inaudível)

**MC: Ah mas vai conseguir achar uma saída sim.**

JR: (inaudível).

RR: Mas fazê o quê?! Não é fácil.

**MC: É problemas que são da vida né, que nem o senhor contou das dos fins daquela, agora vão ter mais uma, uma etapa pra passar.**

RR: Mas óia gente, eu tava olhando, hoje é mais sofrido hoje, que naquela época. Porque eu não queria assim né?

**MC: Uhun.**

RR: Olha que nem, que nem eu disse pra vocês, comprei o caminhão, comprei carro, acabaro os carro. Cabaro. Cabaro! Ainda que não sei como não se mataro, sabe né, se sabe, já três, desastre dos, co'a caminhonete outra veiz tombô, arrodio ficô lá, ali na, na Linha Feliz, (...) daí, já meio tonto da cabeça de tanta paulada. Então não é fácil né?

JR: Eu acho que ele não é, não, ele de tantos tombo que ele caiu da da, de moto e da daquela caminhonete e choque e coisa, tá, tá aí os exame daí pra pra cês vê como é que tá, a memória dele,

só que eu acho que ele não é muito certo da, da, da idéia.

**MC: É vai vê que ele ficou com algum problema.**

JR: É. Até vô busca um exame pra tu notá como é

RR: Ah não precisa, deixa. Deixa aí.

**MC: Só voltando ainda, na na naquela época mais antiga que o senhor me contou quando vieram morá aqui. Vocês usaram pescá muito no rio, como é que era assim?**

RR: No que chegemo aqui nós tinha um medo do rio, nem imagina, oiá uma água desse tamanho...

**MC: Tamanho.**

RR: Não é (...) receio, mas depois perdemo o medo, nós pegava dorado aí no meio das macega.

**MC: Ah.**

RR: Né? Era aqueles pexão coisa mais linda. Né? A gente ficava doido, pegava peixe de tudo, só que a gente nunca foi pescador, nunca tirô pra sê né, o que eu falo de pescá é o barranco assim sabe.

JR: (...) grande, um grande.

**MC: E, e hoje em dia...**

JR: Dá pra vê os pobrema que tem na, nas memória.

RR: Isso eles não vão conhece.

**PH: Hoje em dia o senhor pesca ainda bastante?**

RR: Nunca, faz muitos anos que nunca mais, não tenho linha, não tenho anzol não tenho nada.

**PH: É?**

RR: Quando eu quero um peixe eu compro. E não pesco.

**PH: E tomá banho no rio? Iam muito?**

RR: Ah gente nós na época, nós maiava feijão, (...) esse ano, dava muito feijão e milho, nós maiava feijão até as oito hora, nove hora, e daí chegá, sabe em mês de maio, de março, no frio. Tudo pro Uruguai, pro Uruguai. Não tinha água, tomava na bacia, não tinha, tinha que sê no Uruguai.

**PH: E hoje já não, não tomam banho?**

RR: Esses tempo, foi melhorando as coisa né a gente foi...

**PH: Nem pra se diverti assim? No verão?**

RR: Mais óia meio difícil, eu pelo meno não, agora a piizada...

JR: Os piá, os meus filho tem os barraco lá em cima os piá perto (...) lá o barraco da, da, da (...) é bem assim ó, ma é a coisa mais linda, até é cascaiada, o prefeito, mandô botá cascaio até na berada do rio, até em cima, pra pro pessoal se deverti, então vem vem e para o final de semana alí fazendo comida, tem rádio, tem coisa pra fazê comida é bem bom.

**PH: E assim caso de afogamento não aconteceu?**

JR: Não.

**PH: De alguém se afogá?**

RR: Não. Não, graças a Deus nunca aconteceu.

JR: Graças a Deus né? Nunca aconteceu isso aí.

RR: Vivia na água e nunca aconteceu com ninguém.

JR: É.

RR: Nadando brincando.

**PH: O senhor lembra assim de tê acontecido alguma seca grande, vocês falaram de enchente e seca aconteceu?**

RR: O... pois é, muitas veiz digo pra vocês, até como é que vô expricá, mais agora vocês também de repente também escutaram as coisas de hoje, que dizem que o clima tá mudando, porque mudô porque, vai dá, vai fartá água doce vai isso assim não é? Botaram na cabeça desses loco. É mentira. Esse globo esse mundo do jeito que começô vai chegá ao fim não sei daqui quantos ano.

**Tito: Tomá uma cuia de chimarrão porque tá demorado essa tal de visita deles aí.**

JR: É mesmo.

**Tito: Tão proziando demais (...) ah tá gravando?**

**FA: Tá gravando. (Risos).**

RR: Não qué dizê.

JR: Não qué dizê cumpadre ó, senta alí vamo tomá uma cuia.

RR: Então, no, aqui já deu, depois que nós temo aqui, depois do mês de setembro. Eu já conheci seca mais ou menos dessa, dessa base de quando eu era criança, de levá criação, í (...) longe pra pará. Hoje quando dá de quinze, vinte dia de sol tão dizendo que vai faltá até água doce no nosso Brasil. Isso é doidísse é gente que num, istudaro pra sê loco. Não ixiste fartá água. Claro que quando faiz sol, faiz sol, quando para de chovê para de chovê sempre foi assim.

**MC: E, e nos tempos mais antigos que que faziam pra se diverti assim, tinha?**

JR: O bailão. (Risos)

RR: Ah ma tinha baile também.

JR: Tinha bailão.

**MC: Ah tinha também ma não era só sofrimento?**

RR: Ma não era, não era não era esses baile de hoje que é,

JR: (...)

RR: ma eu não gosto nem de vê esses baile de hoje. (risos)

**PH: Como é que era então os baile?**

RR: Era música gaúcha era gaita era violão era cantá. Depois esses baile de de, descurpe dizê esses baile pra parece, parece, tipo uma locura que nem (..) um otro dia aí, alevantá meia noite pra í num baile gente! Mas comecem o baile o escurecê e quando é uma hora duas hora pare! Deixa o pessoal í durmi!

JR: Nós naquele tempo era (...)

RR: Vocês não, vocês não concordam comigo, vocês que são, bem dizê jovem? Não concordam comigo? Por que vocês dormirem pra depois levantá e í pro baile?

**MC: Ninguém vai mais em baile. (risos)**

JR: Mas não é?

RR: Isso nem é baile isso é doidice e depois não, umas batida que num raio daqui assistiam lá em São Carlos em Águas então vem dá a batida aqui.

**PH: E tinha salão ou como é que era?**

RR: Salão.

**PH: Salão sempre teve?**

RR: Com lampião. Existia lampião que ascendia assim cheio,

JR: Que aquele tempo era o tempo de espetor né não era assim que nem hoje (...)

RR: (...) cinco seis oito lampião em roda do salão da casa, um grande salão. Depois com o tempo veio o tal de liquinho. Ôh meu Deus do céu que coisa mais boa do mundo isso. (Risos) Que lampião era quase a mesma coisa quase que dançá no isкуро. (Risos) Nem inxergava quem tava do seu lado (Risos).

**MC: Tinham vista boa intão naquela época. (Risos) E como é que era pra convidá uma moça pra dançá?**

RR: (Risos).

**MC: Agora ele ficô (risos). Tinha que pedi pro pai ou...**

RR: Não, não precisava na época era quase normal quase que nem como hoje.

**PH: Ma não tinha aquela história do carão que não podia dá carão?**

JR: Ah, dava um carão tomava podia tomá um tapa no ovido se dava um carão, nunca carão. Né cumpadre? Não era aquele tempo igual?

RR: Ah isso era, se você não se agradava de dançá com um, dançava, oiava virava a cara prum lado e... (seu Renato estala os dedos) e corria pro meio das otras né.

JR: E se o rapaz.

RR: Das vezes o cara corria atrás. Pra mim não aconteceu não é. (Risos) O rapaiz corria atrás e juntava ia ali dava jun e dava os, a briga o, rastera, as vezes dava briga feia. Ocha! O carão era proibido, mas dava, tinha moças que, o cara bebia demais né, ou, não gostava né?

JR: Agora não não não, nãoão carão né, tudo mundo se conhece né? Não tem perigo, uma veiz Deus o livre, isso até, até tomava uma mãozada né? Quem dava o carão.

**FA: Porque as mulher não pagavam ingresso.**

JR: Não pagavam e agora todo mundo paga né? E quando o rapaiz se agradava da, da moça pra dançá assim pra pra, assim pra conquistá a moça, já, fazi, fazia um verso e e, dançava dançava três peça incordoada, junto e se parava na sala e daí um dizia um verso pro otro.

**MC: Olha.**

JR: Isso naquele tempo lá.

**MC: Que bonito isso eu nunca tinha ouvido falá!**

JR: E se a moça gostasse dos verso do rapaiz ela já ficava com ele. E se ela não gostava daí ela dizia e o rapaiz a mesma coisa. E se achava em namoro né? Como é que pode isso aí né?

RR: (...).

**PH: Então o namoro começava assim, no primeiro no baile e daí depois...**

**MC: Versinho. (risos).**

**PH: E depois daí pedia pro pai pra namorá? Como é que era?**

RR: É, sei lá quase por aí né? (Risos).

**PH: Como é que foi pra vocês dois? O senhor foi lá na casa dela pedi em namoro?**

RR: Meu Deus do céu (risos) vamo contá como é que foi? (Risos). Ma foi engraçado nós até, até foi assim, nós. Eu tinha enchergado ela em argum lugar por aí coisa assim de passagem, daí um dia ela ía descendo com a tia dela. Era ruim que pelo amor de Deus.

JR: (...)

RR: Tinha uns óio de bandida.

JR: Era ruim, Deus do céu.

RR: Era muito ruim pra ela também, muito ruim, e viero passia nos parente, parente deles né? Daí iam descendo a serra de a de a pé e eu também ia subindo a serra, não sei se ía no salão na comunidade, sei que era, num domingo, era um domingo acho.

JR: É.

RR: Um dia santo não sei, e se encontremo assim e dissemo adeus eee, e eu parei. Parei, puxi um, uma proza que eu não lembro o que que eu pucheí né. E co, e ali já, sabe, sei lá né, sabe como é que é né? (Risos) Um oiô nos óio do otro, e já ficamo por alí. E a véia já oiô, ela oiô facera pra mim e eu pra ela e a véia já oiô cum zóio de braba e já, já pegô ela e já deu um pinicão no braço. (Risos).

JR: Me encheu de beliscão pra não querê pra eu não prozia com ele. (Risos).

RR: Essa parte vai ficá bonito né. (Risos)

**MC: E a senhora tinha quantos anos nessa época era?**

JR: Eu tinha, tinha vinte ano.

**Tito: Naquele tempo não namorava...**

RR: Não tinha vinte ano.

JR: Era dezenove ano eu tinha, o quê cumpadre?

**Tito: Naquele tempo não namorava muito criança não.**

JR: Ah!

RR: Não.

JR: Ma então, era de vinte ano, dezoito dezenove ano em diante. Agora não né? Treze, quatorze já tão namorando.

RR: Ah daí eu, depois disso aí que nós se achamo, daí, eu ía passeá lá e o véio, né, ele era viúvo né, era ruim, ma não deixava ela, levava pra casa de outro, parente,

JR: Lá no, na comadre Emília (...)

RR: Deus o livre de ele chegá um dia e, e achá nós lá. (...) depois comecei a tentiá o véio. Daí um dia ele saiu e quando que era pra ela í, eu fiz que ela ficasse lá

JR: Ficava com ela pra não (...)

RR: ...ah e o veio saiu e eu corri lá, ataquei ela e não deixei ela í. Fiquei lá. E fiquei até de madrugada. Pra tu vê que, que bobeira a gente tem na cabeça né?

**MC: Porque ele, os pai...**

**FA: O pai dela ía morá em outro lugar e o senhor não queria...**

JR: Meu pai tinha otras muié, tinha otra, e lá em cima lá no lá né?

RR: Eu não gostava porque ele já tinha feito pra um, fez atravessá o lageado, fez ele passá assim, com soitera, (risos).

**MC: Ah ele era brabo então.**

RR: Brabo que tá loco!

JR: (...).

RR: Aí, e eu pensei comigo, mas eu pensei (risos) digo ele vai se enganá ele já fez pra um agora vô fazê ele atravessá o Uruguai. (Risos) E fui, verdade. E fui e segurei ela lá e era madrugada! Nós tava sentado vendo a lua coisa mais linda. E o véio não é que veio, de madrugada, lá da polaca dele. Meu Deus do céu, quando ela, quando ela enxergô disse “ó o meu pai”.

JR: Mas óia eu tinha medo do meu pai,

RR: (Seu Renato estala os dedos) Sumiu!

JR: que (...) de medo do meu pai, não sei como é que é né,

RR: Eu acho que,

JR: Aquele tempo a gente tinha, a gente tinha né.

RR: Ele tinha um palanque assim como alí na garagem, deu uma soiterada no cavalo, deu umas puchada e uns golpe pra cá e uns golpe pra lá e otras puchada ele já era meio desaforado assim né? É tio dele mais é verdade não é compadre?

**Tito: É.**

JR: É.

RR: E ele fez barulho pra vê se eu corria, daí sim ele ía dá uns grito e ía ficá bem macho. Nem, bem tranqüilo (risos). Tava bem armado, tinha a faca, tinha uma pistola na cinta né?

JR: (...) bem assim ó.

RR: Ma cum prano ruim, falá bem a verdade tinha plano ruim. Mas ele arrodô o cavalo, apiô, veio, bateu, o pelego, pe, tinha uma, um cabo de reio assim, pegô a soitera e, enrolô no braço, mas ele veio, veio de cacete, e eu pensando comigo, mas ele é pequenininho, ele era mais pequeno do que eu. E eu fazendo, fazendo ele bem de pequenininho. Digo, coitadinho vai se enganá, pensava comigo. Porque eu era, de força né? Só pensava que ele ía se inganá comigo, não tinha outra né? Que eu vô batê o véio no chão que ele não vai nem vai querê mais nada assim. Ele quando chegô num pontinho assim, viu que eu não saí, não alevantei, não fiz gesto nenhum, desenrolô a soitera do braço e chegô: - “Boa noite”. - “Boa noite”. - “Ué? No sereno aí pro lado de fora?” - “Ah mas tá bom tá muito quente!” (Risos).

**MC: Naquelas alturas tudo táva bom.**

RR: Entra lá pra cozinha e resmun, deu umas resmungada feia lá e daí veio de lá pra cá. Mas eu firme pra pulá no véio home.

JR: E eu corri! (Risos).

RR: Sabe como é que é?

JR: É e eu corri de medo, e ele perguntado de eu (...) lá do terrero menina do céu.

RR: E ela sumiu e ele perguntando dela lá e ela. Veio, tremendo, né? “O que é pai? O que é pai? O quê?”. (Risos). “- Vai fazê um, tô com fome vá fazê uns bolo aí pra nós”, mas de madrugada! (Risos). Verdade! Daí ela foi fazê os tal de bolo, daí ele me chamô lá pra dentro, pensei ele vai me (..) lá dentro. Sempre pensando contrário né?

**MC: Sempre pensando que ele ia...**

RR: Daí ele, ele, era uma área, uma, uma varanda assim né, ele sentou pro lado de lá e eu sentei pro lado de cá. Eu peguei a cadera dela e ponhei junto assim co'a minha. Debochado ainda né? (Risos).

**MC: Abusado! (Risos).**

RR: Daí ela pego os bolo lá e veio e troche aqueles bolo, né? E veio e pego a cadera e puchô, sento pra alí. Pucheí de volta. (...) Aí daí proziei mais um poquinho né e ele já apertô comigo né, não tem problema nenhum, né? (Risos) Bom eu era cheio de coragem, mas capaz que eu ia corrê dele!

JR: Ah, é!

**Tito: Mas naquele tempo era assim né?**

JR: É, era assim mesmo.

**PH: Daí ele já perguntou: “que que tu qué com a minha filha”?**

RR: Ah! Carcule!

JR: Daí já marcaro a data do casamento lá!

**MC: Me! Aquela noite já! (Risos).**

RR: De madrugada!

**MC: De madrugada!**

RR: Aí ele viu que não adiantava sabe ele quis me fazê corrê ma de certo ele reconheceu que não era possível e ele não ia querê a filha pr'ele também né? (...).

JR: É, claro que é.

**PH: E como é que foi o casamento?**

JR: Daí quando, (...) festa de casamento? Morava bem pertinho e já foi o casamento.

**PH: Foi? Mas fizeram festa?**

JR: Foi feito uma festa. Baita festa!

**FA: Era o dia todo o casamento?**

JR: Aham, daí tu, paguemo pra vim, pra vim, eles pagaro pra levá o pessoal no casamento lá em Caxambu né pra, pra nós casá lá, acho que era o finado Vitório aquele tempo né compadre?

**Tito: É.**

JR: Ahan.

**PH: Casaram na igreja ou no civil?**

JR: Casemo na, não casemo só no civil, depois mais, mais uns ano ou dois nós não tinha casado pra batisá na igreja daí tivemo que casá na igreja. Daí.

**PH: Daí casaram pra batizá os filhos.**

JR: Casemo pra batizá os filho. Aquele tempo era diferente né?

**Tito: Aquele tempo se casava na igreja e já batizava os quatro.**

JR: É uns quatro cinco de vereda. (Risos).

**FA: E registrava eles também?**

JR: Claro pra registrá fazia uns quatro cinco pra registrá. (Risos). Ai a, veio a assistência, veio tirá, com, veio fazê os documento pra registrá eles, em casa né veio, aquele tempo era nós trabaiava pro Dorvílio Golin.

**PH: Daí moraram os primeiros tempos c'o pai ou vocês já logo fizeram casa?**

RR: Ah, já viemo pra casa que era nossa (...) põe mais um poco de erva, arruma, tem bastante erva.

**PH: O senhor já tinha construído então uma casa?**

RR: Já e antes de casá. Uma casinha.

**PH: E ela daí. O que que ela trouxe? Ela tinha enxoval?**

RR: Mas olha falá bem bem certo, já que vocês vão perguntá tem que sabê tem que contá né? Ele, ele foi comprá o enxoval, foi ele e o finado Gumercindo.

**Tito: Que tal!**

RR: Foram lá em Chapecó. E ele tinha uma mulher anos com ele. Só que depois quando essa vez que ele queria, achô que eu ia corrê ele tinha uma polaca. Mas a otra tinha ido pra Chapecó. E foi pra zona, sabe. E ele, os dois foram lá pra zona e ele chegá lá e se encontra co essa mulher. Diz que até chorá chorô. Mas gastô todo o dinheiro, que tinha, e ele era bastante pobre também, a gente também não tinha quase nada sabe? Mais, vortô sem nada. Nada mesmo, daí eu arrumei o dinheiro pra ele í comprá. Daí ele pegô o dinheiro e daí foi comprá as coisa pra ela. Mais eu que paguei tudo.

JR: Pagô o vestido de noiva, as coberta e tal. Aquele tempo era assim né?

RR: E eu, eu passei como maridão. Você sabia dessa história?

**Tito: Não.**

RR: É isso aí aconteceu.

JR: Compadre ah, o senhor conheceu a tal de Olívia, aquela mulher que meu pai tinha antes sabe da da a irmã da da da Olívia, era lá em Chapecó ela robô tudo o dinheiro do meu pai pra comprá as coisa pra mim (...) descobri. Quem pagô tudo foi ele!

RR: E ganhá nada assim, nós graças a Deus, nunca precisamos, mas, o que eu tenho custa gota por gota de suor e ele ganhô uma, ela ganhô uma leitoa do pai dela dalí na mesma semana morreu. (risos).

**MC: Ah meu Deus!**

JR: Meu capital.

RR: A única coisa que ela ganhô, e eu nada!

JR: É.

RR: Ganhei a chance de ficá cos véio aqui mais paguei pra ele com muito tempo de trabaio, e até hoje sem ganhá um, um conselho de ninguém me deu, só do meu suor.

JR: (...) Uma panela e um duas, duas panela e um prato uma chalera de ferro (..) pra nós começá a nó a a nossa vida.

**PH: Seu Renato? Como é que era o nome dos pais do senhor?**

RR: João de Deus Oliveira. Diziam que era de Deus ma não sei se era.

**PH: É? E a mãe?**

RR: Maria Dolores.

**PH: De Oliveira.**

RR: É.

**PH: E os pais da senhora como se chamavam?**

JR: Ele, meu pai era Laurindo, Manoel Correia.

**PH: Laurindo Manuel Correia. E a mãe?**

JR: Maria Paes de Andrade.

**PH: Maria Paes de Andrade.**

JR: Huhum.

**PH: E que profissão que eles tinham? Eram agricultores?**

JR: Agricultores, igual de nós.

**PH: E os pais do senhor também?**

RR: Também.

JR: Huhum.

**PH: E vocês também a vida inteira sempre na roça?**

RR: É.

JR: Sempre na roça. É. Ahan. Fazê o quê né. É o que a gente sabia mais. Não tem estudo né.

RR: Mais sempre tem que tê os dois lado assim.

**Tito: É verdade.**

JR: É.

**MC: E, e o, e assim e é verdade que quando os pais quan quando, iam morá morá perto da divisa aqui no Rio Grande do Sul tinha a história de que, que um matava no Rio Grande do Sul daí passavam prá cá era, tava livre?**

RR: Na época era.

JR: Acho que naquela época era.

**MC: Tinha muitos bandidos como é que era?**

RR: Tinha essa história de antes de nós vim pra cá, logo que viemo pra cá, depois que nós viemo pra cá até não aconteceu quase esses tipo de coisa acho que dificilmente né?

**Tito: Não, mais agora, tinha naquela época.**

RR: Sim eles paravam mas iam mais pra, pro lado do Paranã pra aqueles lado, pra lá. Mais antes de nós vim pra cá, diz que tinha muita história de pessoas que, matavam, brigavam, vinham pra cá. Como se acontecesse aqui iam pro Rio Grande né?

**Tito: Até porque era, era muito pouco habitado aqui era matão né? Era mato.**

RR: É.

**Tito: Então o pessoal se escondia. Aqui tinha uma balsa! Bem aqui na divisa dele aqui tinha uma balsa antigamente, hoje ô, aqui em vez de aumentá diminuiu, aqui tinha uma balsa que passava carro passava tudo.**

JR: Fazia o transporte do Rio Grande pra cá. (...) Daqui pra lá também.

**PH: Bem aqui nas terras de vocês?**

JR: É bem no, pertinho dali, é ahan.

**PH: E aqui assim, como é que era, tinha, aconteciam casos de, das pessoas, matarem outras, de roubá, antigamente?**

JR: Acontecia.

RR: Aqui na nossa época aconteceu sim, causo de roubo muito e acontece até hoje ainda, dá pra dizê, roubam criação. Morte faz anos que não aconte, que não acontece ma aconteceu.

JR: Graças a Deus não acontece mais isso aí.

RR: Foi se arretirando aquele pessoal mais brabo não sei, né ou.

**Tito: Ma aconteceu muita morte.**

**PH: E quais que eram as principais causas? Por que que eles se, se matavam?**

RR: Óia eu acho que, isso aqui era um pouco mais é coisa de bodega. Deve de sê coisa de jogo mal.

JR: De jogo.

**Tito: Jogo.**

RR: De jogo, desentendimento. (...) Essas coisa comum que né? Muitas veiz que tem o...

**Tito: No Humaitá que foi por causa de jogo que mataram ali né?**

RR e JR: Também né?

**PH: E tinha polícia? Como é que daí ...**

RR: Ahhh.

**PH: Resolvia essas história?**

RR: Claro que tinha.

JR: Qué otro?

FA: Eu pra mim obrigada.

JR: Mais?

**PH: Prendiam, daí...**

RR: Ah naquela época, eles, era, agiam mais do que hoje. Hoje tá mais, né? Hoje pro cara se matá ele se esconde, vinte e quatro hora, vai lá nem preso não é.

**MC: E, vocês tava falando antes da, do batizado das crianças e tal, e na igreja como é que era?**

JR: O batizado?

**MC: Não não só pro batizado mas vocês iam, aqui tinha igreja perto?**

RR: Tinha.

**MC: Rezavam na casa?**

JR: Sim o, ali em cima na comunidade ali. Ahan.

RR: Não é tão perto.

JR: Só que tinha que fazê o, as reunião dos grupo de reflexão.

**Tito: Mas sempre teve, sempre teve igreja.**

**MC: Sim.**

JR: Huhum. (...).

**PH: Daí as criança iam na catequeze?**

JR: É iam na catequeze e depois...

RR: Só que nós, era de igreja. Daí ele que era, o gerente da igreja, quem mais levantô foi ele, não porque tá na presença dele, o compadre Tito...

JR: É.

RR: ... o irmão dele.

JR: (...)

RR: E, companhia né?

**MC: Uhum.**

RR: De família né? Eu acho que compraro umas trezentas cadeira na época né? Jogo de bocha,

JR: É.

RR: Cancha de jogo de bocha. Foi eles que adoaro e, pessoal da gente tava também por dentro, até, um irmão dele também, que era dono daquele tratorzinho antes que eu contei pra vocês

**MC: Uhum.**

RR: Que foi o primeiro trator que eu comprei foi deles. Era deles né? Com aquele tratorzinho eu e (...) o irmão dele caminhamo três dia a fio com o tratorzinho e uma carreta, era pegando porco, pegando galinha, feijão, soja, o que desse, pra doá pra igreja. E eu, vô contá essa história por causa dele, não por sê, parente (...) ma é ele que vai, confirmá como é que é, a verdade.

JR: (...)

RR: Eu, é ser (...). Toda vida eu tava na copa. Era o sexto dia encordoado. Eu tinha que sê o caixa (...) eu tinha o controle, tinha que sê eu. E a gente cuidava com muito respeito e, né, tinha botado nós lá e tal. E assim foi, foi continuando e quando foi num certo dia, eu, me vi livre, ponharo otro no meu lugar e ele, naquele dia eu não, não tive serviço nenhum, bah daí disse pra ela, digo hoje, hoje o dia é pra mim se diverti hoje, né? Não tem serviço, digo tá bom. E ele, esse home aí era candidato a vereador.

JR: Já era na época?

RR: Daí chegô ele ali, ele que era o, você e o Arvelino né? O Arvelino o, o Celito, o Celito que era pra sê o vice né?

Tito: É.

RR: Foi vice era vice né? E os companheiro então, os candidato tudo os candidato chegaro ali e ele veio reto ne mim. Disse compadre Renato, quanto tu qué pra cuidá a copa pra mim? Daí ele, pra assumi o meu lugar. Disse eu, eu sô candidato eu vô tê que tá no meio do povo o que que eu vô fazê

agora? Lembra?

**Tito: Sim.**

RR: Daí eu não sei dizê que não, no caso não podia dizê mesmo não é? Daí. Eu, vou, daí fui no salão ali em cima, daí até o Pedrão Grando ele era até um dos festero. E ele tava, deu, um acesso de de, de, de venda de bebida e tal né, e naquela época existia aquela nota de cinco mil. Nunca esqueci. Veio uma nota que era de cinco mil pra descontá eu acho, em cerveja que seja né.

**PH: Cruzeiros?**

RR: É.

JR: Era Cruzeiro.

**Tito: Cinco mil Cruzeiros, é, cinco mil Cruzeiro.**

RR: Cinco mil cruzeiro. Daí, eu não tinha troco revirei não achei né. Daí chamei o Pedrão. Pedro, vai lá pegue esse, essa nota de cinco, leva na copa me traga troco pra mim que eu não tenho. Daí ele foi lá e trocô. E ele saíu de vorta e deixô a porta aberta. Do barcão né? A porta. Tava o irmão dele ele tinha, encostado o barcão, na saída deles ele saíu daí tava esses, esses (...) tava uns quatro assim, e eles, de brincadeira assim pra ele disse olha pessoal, como é que você disse que, se bebê, que bebe, se divirtam ma não, ma não vão fazê bagunça né? Mas, eu disse brincando assim, ma carcule né? E o home, embrabeceu comigo, esse, como é que é? Itacir né?

**Tito: O Itacir.**

RR: Embrabeceu comigo, embrabeceu, queria briga queria briga, até que quando ele resolveu mas os otros também não deixaram né? Pegaram e foram embora, avisaro a polícia a polícia veio rápido né? E esse vagabundo, vagabundo, covarde, morava bem pertinho mas foi lá e vortô ele e o pai dele, com dois trinta e oito na cinta, o véio com otro revolve na cinta, e eu sempre, muitas veiz até tenho ropa aí que nem cinta não ponho. E ele veio pr'ali quando eu olhei assim ele veio se encostou na (...) dele assim e bateu os cotovelo: “O que que aconteceu aí?” Disse: “Nem quero sabê! Não quero nem sabê do que aconteceu e do que não aconteceu!” Ficô quieto ali prosiando tava prosiando e prosiando continuô. Daí ele levantô dali e fez a volta ele e o pai dele. E, entrô os dois dentro da copa.

JR: (...)

**Tito: (...)**

JR: (...)

RR: E daí, chegô e puchô o revolve botô de baixo do meu queixo, não tenho vergonha de contá, levô o revolve em baixo do meu queixo: “Fica com meu revolve ou não fica? Guarda o meu revolve aí.” Daí eu ainda fiquei assim né eu digo: “Mas o que que tá acontecendo?” Disse: “Guarda o meu revolve!” Daí eu achei que a polícia tava ali. Digo: “Mas se qué deixa aí deixa.” “Guarda o meu revolve!” “Eu guardo.” Não (...) ele mais. Ia dizê que não guardava podia me dá um tiro me matá! Já tava com intenção não é? Daí peguei o revolve, foi assim daí ele ainda ajudô a infriá na minha cinta, mais ele com otro foi um co, nada de dizê que não ia guardá! E saíu pra fora, dali a

poquinho ele veio alí e me pediu o revolve devolta, pegô e saíu denovo. E dali pra cá, nunca mais eu pude í como caixa. Nunca. Nunca mais, podia ter morrido. Nada ia dá igual.

JR: É que aquele tempo (...)

RR: E aquele tempo, não sei se a gente tava...

**Tito: Que depois logo em seguida eles mataram um ali né?**

RR: (inaudível)

JR: É logo em seguida (...)

RR: (Inaudível)

**FA: Mataram um alí no Catani também.**

JR: (...) Deus o livre e não saiu nada, até o coberto da da igreja, na, do salão eles atiraram né? Alí, tudo.

RR: Então, é, tinha gente muito, aqueles ainda são vivo são muito ruim. Não sei como é que ainda tão aí.

JR: Ó, qué?

**MC: O que eu ia dizê, como, antigamente vocês ouviram falá do São João Maria?**

RR: Ih, tem, tem até história que já contaram sobre isso.

**MC: O que que o senhor ouviu contá?**

RR: Mais óia eu ouvi contá bestera, locura de gente doida, isso era uma pessoa que andava na rua. Um qualquer um, um otro alí, é São João Maria

JR: (...)

RR: Um home igual os otro, que isso aí não acredito, isso aí não.

**PH: A senhora escutou que história dele?**

JR: Do São João Maria?

**PH: É.**

JR: Eu sei da história que me, a finada mãe sempre contava, que quando ele andava no mundo ele, ele, ele foi na casa dum casal, que a, o, a muié era muito ruim e o home era muito bão. E a muié tava fritando peixe, e daí o, a muié se afogô c'o peixe e daí, antes que ele tinha chegado na casa deles pediu um prato de comida e ele tava com fome, daí a muié mandô o ma, o marido dela ponhá ele lá dentro dum garpão, pra dá a comida prele lá, daí leve ele lá e deixe que durma lá e daí quando foi de noite ela se afogô com espinho de peixe e ela pediu pro marido dela í lá pedi pro home se ele

sabia um benzimento pra ela se desafogá, e ele foi e ela se afogô e ele foi lá e explicô você sabe um remédio pra uma muié desafogá que tá afogada c'o peixe? E ela até tinha mandado ele dá um prato feijão pra ele, sem sal, só o cardo, (...) daí o, no benzimento ele falô daí foi lá e disse pra muié dele (...) “Home, home bão e muié má, cardo de feijão sem sal, São Braiz São Braiz não se afogue mais”. E a muié se desafogô, era um causo que a minha mãe contava pra nós e isso aí sei lá se é verdade ou não né? A gente não sabe, mas daí a gente foi isso aí que, que, o benzimento mesmo que ele ganhô o, maltratado que ele foi né? Ele fez o benzimento e benzeu a muié.

**MC: E aqui por essa, dizem que aonde que ele passava, ficava as vezes nascia um, um olho d'água que ficava com o nome de São João Maria.**

JR: Lá em Chapecózinho onde que nós morava era assim.

RR: Deus o livre (...)

JR: Tinha um oio, um oio d'água, duma, uma uma fonte d'água ali todo munda em roda dizia vamo lá levá flor lá pra pra fonte de de São João Maria, e daí todo mundo que dissesse,

RR: Eu não acredito.

JR: Eu acredito, eu acredito.

**MC: É?**

RR: Isso era uma pessoa...

JR: Sempre acreditei e sempre vou acreditá, porque era, era, a lei de Deus né? As pessoas devota que tem fé. Todo mundo dizia a fé é que vale pra pessoa, não é mesmo?

**MC: É verdade.**

JR: Uhum.

**MC: Bom. Mais uma, umas perguntinhas daí vamo terminá. É... quando vocês vieram morá aqui, o, o, ouviram assim, ãn, dizê assim se tinha, índios que moraram aqui? Se, se vocês encontraram na roça aqueles, aquelas panela de barro, aquelas...**

RR: Índio, nós com certeza...

JR: Tu qué mais (...) não? Qué mais um?

**FA: Eu quero. Ahan.**

RR: (inaudível) no começo, primeiro (inaudível) cinco, seis, oito anos, por ali, nada apareceu, depois quando nós comecemo lavrá as terra começô aparecê aqueles caco de panela, ficamo admirado co'aquilo, achava que a gente podia até encontrá coisas mais importante. Mas vejo que, como tempo foi passando deu enchente. E daí veio uma parte e lavô aquela primeira terra que a gente afroxô co a lavora.

**MC: Sim. Ahan.**

RR: Daí a gente tornô a lavrá denovo, baixô mais a terra, baxô mais. E já apareceu mais, daí quando foi aquela, tal de enchente em sessenta e cinco, sessenta e seis, Deus o livre, tirou, uma, quantidade de terra, ficou muito fraca a terra. Mais, a gente foi lavrá daí achava aqueles panelão.

**MC: Ahhh.**

RR: Desse tamanho. Até osso, dente, tinha dentro, né? Tinha os osso assim, sabe.

**MC: Uhum.**

RR: Esses, ossão assim da perna, conhecia bem, até a junta.

**MC: E não guardaram nada?**

RR: A gente guardou até, ficô vários anos uma panelinha guardada aqui (...) eu acho, uma panelinha até bem bonitinha daí chego um tempo uma (...) né?

**FA: E aquelas histórias que apareciam coisas aqui na Volta Grande? Vocês viram?**

JR: (...).

RR: (...) Daí a gente trouxe aqui, daí veio o padre, de muito longe, veio, pessoas de longe, por curioso e tal.

**MC: O senhor lembra o nome desse padre?**

RR: Não, não lembro.

JR: Eles dero o nome, masóia.

**MC: Não era de, Alfredo Rhor?**

RR: A gente nem sabe, de certo era ou né? Eles vieram.

JR: De repente era. Aquele tempo, não se lembra. Foi achado, um panelão, com sete panela dentro daquele panelão. Sete, tipo de panela né?

**MC: Ahan.**

JR: Tudo de barro coisa mais linda. Ma daí veio, veio, uns, acho uns seis sete padre e e frera, não sei da onde que veio pedi pra levá pra fazê a, como é que é? Negócio de estudo deles né? Eles pediram, nós como a gente era aquele tempo só, garremo e demo tudo. Panela sabe, esses otros tipo de po, tipo bacía coisa mais linda.

**MC: Uhum.**

JR: E, garremo e demo pra, pra eles pra levá fazê, trabalho né?

**MC: Sim. E, e, a senhora lembra mais ou menos quando que foi isso se faz muito?**

JR: Ah ma isso aí faz muitos anos já, faz acho uns, mais de vinte ano, faiz.

RR: É faiz uns trinta ano.

JR: É. (inaudível)

RR: É de sessenta e cinco. Foi depois de sessenta e cinco.

JR: Teve tanta gente estranha aqui, pedi pra levarem, nós tinha isso aí pra levarem. Foi achado né? Ali, até foi achado uma vez o Renato achou, duas, dois martelinho branco, tipo martelinho, também, ele achou (..) né?

RR: Ah, e assim a gente viu muitas coisa no...

JR: Martelinho branco coisa mais linda de de, dentro da terra. Feito de, tipo de marfim eu acho, não era de barro. Daí veio o home do do Rio Grande que pediu denovo pra levá. ãn?

**MC: Era uma coisa que os índios acho, usavam assim.**

JR: Isso, ahan,

**MC: No lábio.**

JR: É, deve sê. Pediro pra levá! A gente garro e deu, fiquemo com dó porque era pra fazê trabalho.

**MC: E essa, e essas panelas elas eram pintadas como é que eram?**

RR: Era. Eram pintadas. Era uma pintura, uma tinta não sei se, isso fizeram com madeira...

**MC: Ahan.**

RR: Alguma, fruita, alguma coisa. Era assim, como é que vou dizê, era assim dessa cor marronzinha.

**MC: Sim, ahan.**

JR: Tanta coisa que nós tinha aí.

RR: Tinha tudo era marcada. Bem marcado...

JR: Daí a única panela que demo pra pra pra, se lembra que pro Jandir que trabaiava preces home aí. Passava aquelas, trabaiava com ele também, levo a última panela que tinha aí, por último né, tanto que dero pros otro daí ele levô, ela levô a panela (...).

**MC: Quem que era será?**

JR: Era uma menina novinha.

**FA: Era Sônia?**

JR: Eu acho, até que era Lúcia. Lúcia.

RR: Eu não lembro

JR: É, que (...) ele vim.

RR: Lúcia (...)

JR: É.

**FA: E o que que o senhor viu? Aqui já? Que aparecia?**

RR: Do quê?

**FA: Aquelas histórias que...**

RR: Histórias? Ân, na época isso, foi bem antes né, nós, ia pescá com meu pai (...)

**MC: Ahan.**

RR: Então nós fizemo, uns banco assim na terra, era umas escada assim, bem feitinha, bem, daí nós sentava alí e ia pescá. Tinha uma barranca. E um dia nós tava nós dois pescando e naquela época existia muita coisa que eu falei pra vocês, paca e tatu.

JR: Querem mais?

**FA: Não obrigada.**

JR: Não?

RR: Pescando argum e derepente, um tatu cavocando do nada apareceu aquele tatu cavocando, mas o barulho parecia de baixo de nós assim. Sobre as pedra, sei lá né? Eu disse: “Fulano! Olha tem um tatu cavocando aqui”. (...) Daí eu disse “Ah, ele tá passando aqui!” Disse pra ele. Ma não tinha uma enxada não tinha nada, só um facão, disse: “Vamo cavocá pra vê se nós achemo”. Ele disse “Não, mas não é aí, é aqui!” Eu disse: “Mas escuita aqui” digo, “Mas é aqui” Ele disse: “Não é, é aqui”. E daí começaro dizê, um é aqui, o otro era ali né, e aquele sabe, sabe como é que era aquele barulho que ela fazia né.

**MC: Uhun.**

RR: (...) Cavocando daí numa daquelas aí aaa, o tatu assim que parô de cavocá, tremeu, o chão assim parece que ia tudo pra dentro do Uruguai e nós não conhecia o que que era o Uruguai não sabia pra nós era, grande, nós tinha medo da água, quase que morria correndo, perdemo as linha, perdemo tudo. Daí no otro dia viemo vê se é que tinha mesmo, argum cavocado alguma coisa não tinha nada!

JR: Que tirá da da berada das flor ali?

RR: (...) nem o rastro do bichinho não tinha, foi um assombro. E daí a otra vez foi que tinha um

animal caminhando na lage, bem mais depois disso, né. E não era animal não era nada não era nada era, apenas um assombro. E também se viu mais assombros. Que eu mesmo vi (...) eu e o (...) ma não parava quase toda a noite ou pescando ou tava passeando.

**MC: Uhum.**

RR: Né? Pra tudo tinha tempo. E daqui nessa sanga aqui nós vimo, um bando de macaco numa moita, grande, de bastante cipó, sabe uma ramada assim, ma aquilo tudo cheio de, pulava e chiava e aqueles gaio arcava quebrava aqueles gaio, tinha, lua clara bonita fomo olhá e tal, mas (...) e ficamo com medo né? Daí notro dia fumo lá oiá não tinha nada, ma rastro de nada, nada. E nós enxerguemo que nem se fosse vivo. Ma não tinha nada. É coisas assim que... né? Passagens assim né? Que aconteceram a gente nunca se (...)

**MC: Aham. A, aquelas, panelas que vocês encontravam ficavam lá bem perto do rio?**

RR: É assim tudo na margem. Tudo na parte desse barranco né?

**MC: Aham. E e é uma área que vocês ah plantavam na agricul, o que que trabalhavam, sempre foi roça ali?**

RR: Sempre, sempre foi roça, até hoje né? Até hoje.

**MC: E, e antes de Caxambu ser município que pertencia a Chapecó, como é que era, era mais difícil pra vocês a vida, que não era município aqui e só lá o o ou?**

RR: Ah meu Deus ma nem se...

JR: Meu que difícil que era gente...

RR: Nem se compara né? Pra você vê, gente na época que nós chegemo pra tu vê, nós sempre nós fazia, trabalhava quinze dia com junta de boi, de picareta de enxada fazendo a estrada, a estrada era mais por baixo aqui. E... eu lembro quantos anos ficava alí. Depois quando Caxambu foi Caxambu começaro te arguma máquina, ah, foi diferenciando e diferenciando e até hoje pra dá um jeito melhor hoje tá excelente.

JR: (...)

RR: Muito feliz, seja pra quem seja que seja muito feliz. Não farta, dá pra acrecentá não fartô mais a saúde pra ninguém. Tá sobrando gente pra trabaiá na saúde, né? Estrada tá aí pra vocês verem. Cada veiz melhor, estrada de roça, tem estrada aí que eu queria que vocês visse, passá, afirmá o que eu tô dizendo aí.

JR: Hoje em dia é uma mordomia hoje em dia.

RR: (...) É terraço feito com patrola, é, destocamento coisas assim, teve até, a dois, a dois anos passado o prefeito deu sessenta e três hora de máquina pra mim.

**FA: (Risos).**

RR: Trator de estera, retro, patrola, né? Ah porque se a gente paga, parte não paga porque, a gente

se dá muito bem co'as autoridade né? Então tá.

JR: (...)

RR: Então nem se compara com aquele tempo.

JR: (...) ropa pra nós era em Chapecó, pra í comprá, e não tinha ônibus aqui, tinha que í de a cavalo até ali em Dom José e deixa, os os animal ali e ali pegá o ônibus lá em Dom José. Quantas veiz perdero o ônibus deixaram uma até uma criancinha no meio do mato ali menina do céu, e não tinha com quem í, não tinha ônibus, não tinha nada né?

RR: Ah as vezes, já tá pronto aqui?

**MC: Só tem mais uma pergunta que eu quero fazê. Que é assim, é a última, é... a..., como é que vocês vêm a agora a a mudança com a barragem por exemplo? Pra vocês, vocês vêm isso como uma coisa boa, é uma coisa que vai trazê muita mudança na vida de vocês? Queria que vocês falassem.**

RR: Ah a mundança vai ser, muito grande, muito preocupante, que nem eu disse um pouquinho antes pra vocês. Vocês não gostariam de tá num lugar assim? De repente, dependendo de de, do gosto de vocês quem sabe na cidade vocês tariam melhor né? Não sei. Mas, eu pra mim acho que não existe nada melhor nesse mundo que você tá sossegado olhá aqui ó.

JR: É.

RR: Sombra ao redor, aqui ó.

JR: (...).

RR: Planta grande que você (...) levanta de madrugada, eu acordo de madrugada você vê o canarinho cantando, sabiá cantando, né? Tudo os pássaro que tem tem quantidade ninguém caça ninguém mata ninguém atropela, porque é a coisa mais linda do mundo. Pra mim, ah é a gente tá indo, quase descansando digamos assim.

**MC: Ahan.**

RR: E hoje pra gente é o preocupante na verdade como eu disse pra vocês,

JR: Hoje em dia achá argum terreno não é fácil né? Isso aí.

RR: A gente vê, acha que vai pegá um, um bão, um bão capital a gente tem aí, acha, apesar de tudo que a gente sofreu pra consegui.

**MC: Ahan.**

RR: E agora o que que eu faço? Já pensou, o que que eu faço? Porque a gente como chefe, tem muita responsabilidade, tudo tá na mão da gente, o quê que vai fazê? Largá na mão de estranho? Se eu vô trazê um filho, eu posso o filho dá certo e a nora pode não dá, né? Ou o filho pode ponhá fora e eu não gosto, né? Fica, fica preocupante um dia vocês vão sê mãe, vocês vão sabê o que que é se preocupá. Com certeza. Mas se eu não tivesse nada daí qualqué lugar tava bão. (Risos) Né? Mas

fazê o quê? Tudo, seja o que Deus quisé, pra adiante né. Nós não podemo impidí, não podemo dizê nada.

JR: É mas eu rezo e agradeço a Deus tudo o dia que graças a Deus criemo os fio com saúde, tudo inteligente, tudo trabaiano e ganhando, né? Fazendo um poquinho pra eles. Não é mesmo? Isso é uma alegria pra gente.

**MC: E, assim, tem alguma coisa que vocês gostariam de contá que a gente não perguntou? A gente já perguntou um monte. (Risos) Mas se vocês quiserem, lem, lembram de alguma coisa que a gente não perguntou e gostariam de, de falá né? Podem ficá à vontade.**

RR: Eu acho que já tá mais ou menos, (risos).

**PH: Alguma história que aconteceu na região, assim que foi marcante pra vocês.**

RR: Ah, as história marcante vamo supor assim né? As coisas que do passado, briga, as coisa assim que deu, não com a gente com outras pessoas que, até preocupou muito, a gente achava que tava num lugar que, que não era próprio pra gente e tal né?

**PH: Uhum.**

RR: Ma a gente graças a Deus, eu pelo meno, acho que de todos aqui, o que mais agüentô aqui, fui eu né, e passemos com uma boa amizade com o pessoal,

JR: Cumprimentemo, se demo bem com tudo mundo, graças a Deus, uma amizade tão abençoada, tudo mundo qué bem nós, e até de vem de longe visitá nós aqui.

RR: Temo amizade que, gente eu, penso, que as filha tão pra lá querem que nós vá pra lá, o lugar é bonito é bão, tive por várias, duas veiz lá, por vinte, trinta dia, mais, não esqueço, do Caxambu, pela amizade que a gente tem com as autoridade, amizade que tem c'o pessoal, muitas veiz eu, eu eu chego lá, quarquê lugar, já vem rapaziadas nova, chego até, até admirá, dizem: “Tudo bem seu Renato? Como é que tá? Beleza” Eu nem sei quem que é, as vezes, ah se a gente não sei, anda sempre preocupado com as coisa que não, não grava aquela pessoa, eu fico com uma vergonha, fico chateado, não sei o nome pra respondê, né? Mas me admira da, do tratamento, do respeito que tem co'a gente.

**MC: Ahan.**

RR: Tô que í prum lugar estranho, acho até, mudá prum lugar estranho te que fazê amizade, que eu já tenho, tenho até de sobra né? Gostaria de ficá aí agora não sei se eu acho algum lugar.

JR: (...) A gente conhece todo mundo aqui. Gente boa né? Porque a gente vai í morá notro lugar né? Vocês intende isso aí. Porque Deus o livre, tem gente, gente ruim né? Perto do lugar que a gente vai morá, um vizinho ruim.

RR: (...).

JR: (...) tudo isso a gente tem que pensá antes, não é mesmo? E se é um lugar que bom (...)

RR: (...).

JR: (...) da gente também pra morá, vocês não acham que é verdade? Que, Deus o livre óia a gente viu passá tanta coisa passá na televisão né? Então a gente fica né?

**PH: Claro.**

JR: Trocando oreia.

JR: Tem que pensá num lugar que tenha gente boa, quem tem boa informação tudo né pra vizinho da gente, não é mesmo?

RR: Tem um (...) aqui tem mil duzent, mil duzentos e poco pé de arvoredado tudo aflorido. Tudo.

**PH: Tem que tipo de fruta?**

RR: (...).

JR: Tem de tudo, bergamota, laranja e ponkan, tangerina, tem de tudo.

RR: (...) Então a gente, bah, olha tudo em roda tá tão indo tão bão né? Mas, fazê o quê?

**MC: Mas então tá seu Renato e dona Jurema a gente agradece pela conversa, né?**

JR: É, e aí a gente não se lembra de tudo, de tudo, ficô alguma coisa.

RR: As vezes se tivé alguma coisa que foi contado que a coisa não ficô bem contado, tirem fora isso daí (...) por favor só as coisa mais certa, mais, senão.

**MC: Não tem problema, não se preocupe.**

RR: As vezes a gente conversa demais ou vai dizê alguma coisa errada e tal né?

JR: E vai se a maior lembrança pra gente isso aí, né.

**MC: E pra nós também, e pro município, né.**

Fim da gravação.